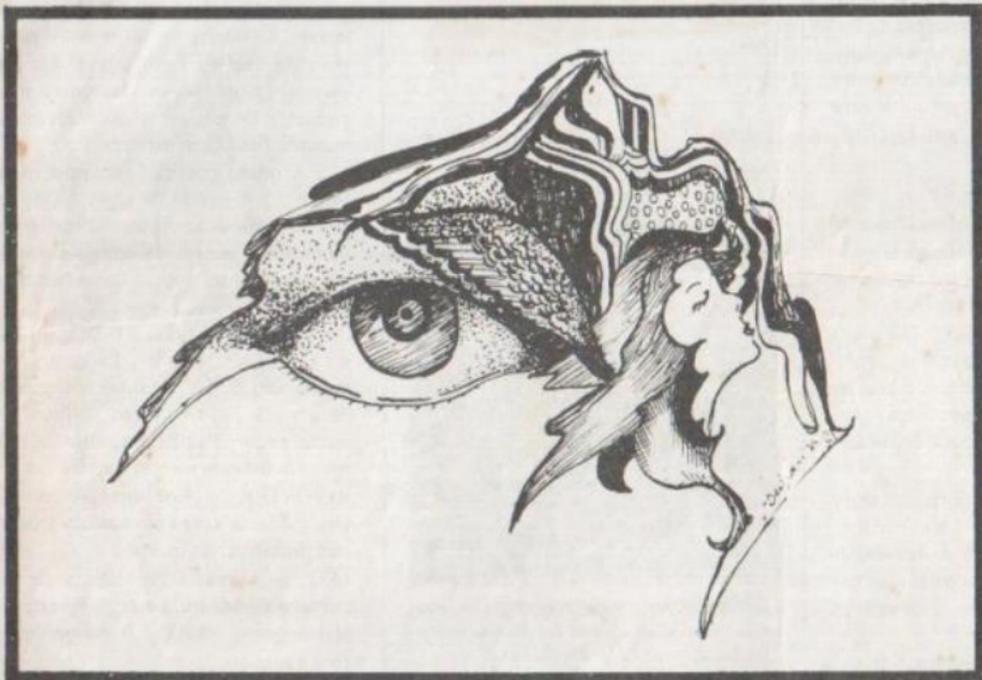


A POESIA DE MAURA



BUSCO A PALAVRA

Não a que vem de mitos nem de lendas
a que trás resquícios do passado
nem mesmos dos bosques frescos do porvir
em que por vezes me hei refugiado.
A palavra que decerto jamais escreverei
pois a que tenho escrito — tenho rasgado
por imprecisa, inócua, ataviada.
Breve ou não, quero-te brava e exata
espelhando o homem do meu tempo
Busco a palavra em que lateje o presente
a hora que o relógio marca
fim de centúria e de milênio
era superapocalíptica
Nem o transato nem o amanhã
só esta hora mesmo conflagrada
de agora
na palavra em que o meu semblante veja
a sua face
e nosso tempo em meu texto
e diga: está certo irmã.

MAURA DE SENNA PEREIRA

Foi na época do ginásio também que naquele tempo, as minhas nada tinham a ver com a realidade um mundo totalmente diferente.

REPÓRTER — Léo, como chegaste até Itajaí?

LÉO — O caminho foi longo. . . Em 1972 eu estudava em Florianópolis, na Escola Técnica Federal de Santa Catarina. De repente, percebendo que nada daquilo me interessava, larguei tudo e voltei para casa. Em 1975 estava novamente em Florianópolis. Não encontrando trabalho a meu gosto, fui para Joinville, lá permanecendo até 1977. Surgindo uma boa colocação em Balneário Camboriú, mudei-me novamente. Infelizmente, o negócio faliu. Comecei a trabalhar na CODESI, em Itajaí, como pintor de placas. Como vê, a longa trajetória trouxe-me finalmente até aqui.

REPÓRTER — Como o pessoal descobriu que não eras apenas um pintor de placas mas também um artista?

LÉO — Um certo dia eu estava fazendo "minhas artes" e os amigos puderam ver que eu possuía outras habilidades,

meçaram a chegar, Leo?

LÉO — Os primeiros prêmios datam ainda de Nova Veneza, em 1969. Depois vieram a Menção Honrosa do Concurso de Contos de Natal, em 1980, patrocinado pela Prefeitura Municipal de Itajaí, 2º lugar na Pré-Panarte, em julho deste ano, sendo que ainda em julho fui classificado em 1º lugar na Mostra dos Novos, no MASC, em Florianópolis.

REPÓRTER — E a escultura?

LÉO — Sou autor de uma escultura na Praça do Atleta, em frente ao Ginásio Ivo Silveira, em Itajaí. A obra representa atletas numa atitude de disputa.

REPÓRTER — Poeta, autor de peças teatrais, ator, escultor, pintor de letreiros, cartazes e telas, recitando em sessões poéticas, poderia nos dizer como se sente hoje o artista Leopoldo Baldessar?

LÉO — Sei lá. . . Na maioria das vezes sinto-me desamparado como artista. A grande preocupação é a sobrevivência. Para o artista esta é a parte mais sofrida, porque lhe tolhe a liberdade criativa.

REPÓRTER — Dá para sobreviver em

Itajaí e mais um movimento cristão.
LÉO — Acho que abre espaço, sim, talvez não totalmente aproveitado pelo artista, que se omite nessas ocasiões. Temos que ficar alertas, montar no cavalo e segurar as rédeas.



MONUMENTO AO DESPORTISTA em frente ao Ginásio de Esportes Ivo Silveira em Itajaí. Escultura de Leopoldo Baldessar.

REPÓRTER — O que teu poesias?

LÉO — Eu me considero sado com a sociedade, e enfim, com o mundo. . . não procuro denunciar mais o que massacrar; denunciar o sofrimento deste povo do qual eu faço parte. Como por exemplo nesta poesia: Eu quero uma poética / De pés no chão / Que coma marmitta fria / Com meu povo. . .

. . . A minha poética / sem rima / sem forma / sem versos de amor / Que seja celebrada / nos becos / nos botecoquins / nos pontos de ônibus / que os meninos dos bairros / a leiam bem forte. . .

. . . A poética do rico é o dinheiro / A do povo é a liberdade / Eu quero uma poesia sem nome / Pra que não precisa de gravata / e nem cargo político / E sendo pequena caiba em todos os bolsos / em todas as mentes e almas. . .

REPÓRTER — Esse tipo de poesia, esse modo de ver os fatos nunca trouxeram problemas ou medo?

LÉO — A minha consciência de ser humano prende-me a esse compromisso. Maior que o medo é o compromisso com a verdade.

15,5 x 28,1
03a 0535-50. MG